



## Moradores de rua: sociedade invisível<sup>1</sup>

Ana Cláudia Maia<sup>2</sup>

Denis Arashiro<sup>3</sup>

Thayná Scremin<sup>4</sup>

Elson Faxina<sup>5</sup>

Universidade Positivo, Curitiba, PR

### APRESENTAÇÃO:

Este artigo procura apresentar a fundamentação teórica que originou a produção do vídeo-reportagem *Moradores de rua: sociedade invisível*. Por não terem domicílio fixo, os moradores de rua são considerados “cidadãos invisíveis”, inclusive sendo excluídos do Censo Populacional, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que não levava em conta esta parcela da população, dificultando ainda mais as ações de governo e de movimentos sociais nessa área. Com uma abordagem diferenciada, este vídeo-reportagem retrata o drama vivido pelas pessoas que são consideradas “invisíveis”.

**PALAVRAS – CHAVES:** Moradores; rua; invisível

### 1 INTRODUÇÃO:

Em meados do século XX, década de 40, o Brasil passou por um processo de modernização e crescimento econômico. Porém, este progresso trouxe também diversos problemas urbanos e sociais. Em decorrência da industrialização, o campo foi tomado pelo êxodo rural, o que resultou no inchaço populacional nas grandes cidades e em consequência disto o desemprego e a falta de moradia.

Nos anos 70, a situação se agravou ainda mais, especialmente no Paraná. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Paranaense de Planejamento Econômico e Social (Ipardes) a taxa de urbanização que era igual a 36,14% aumentou para 81,42% no ano 2000.

A historiadora Suzana Carvalho Vargas explica que com o crescimento das indústrias, as pessoas de todas as regiões do país, especialmente das áreas rurais, migraram para Curitiba em busca de melhores condições de vida. “Entretanto, ao chegarem aqui, se depararam com uma situação oposta e viram-se obrigadas a viver em moradias irregulares e até mesmo nas ruas”, afirma Suzana.

O processo de migração aconteceu de forma muito rápida sem que as grandes cidades estivessem preparadas para isto. O problema se estende até os dias de hoje com

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao IX Expocom, na categoria B2.1 Jornalismo, modalidade produto Informativo Audiovisual, como representante da Região Sul.

<sup>2</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, e-mail: anaclaumaia@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, e-mail: arashiroman@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Aluna líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, e-mail: thayna\_scremin@hotmail.com

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, e-mail: faxina@up.edu.br



a atribuição de diversos fatores, como por exemplo, a política de juros e a estagnação da mobilidade social.

Suzana interpreta que atualmente, à distância entre morar e trabalhar também faz com que aumente o número de moradores de rua, “pelo fato da maioria deles estarem desempregados e em condições de vida precárias, não tendo como sobreviver vêm na rua uma alternativa”.

A vida agitada de hoje e o medo da sociedade faz com que o homem encare o morador de rua “como alguém de fora, alguém que não deve ser visto, não deve ser olhado. Os moradores de rua são como uma nova camada que está crescendo e se formando no Brasil”, finaliza a historiadora.

A doutora em Antropologia e mestra em Sociologia Maria Antonieta da Costa Vieira, em um artigo retirado do site “Blog da Rua”, retrata o drama vivido por estas pessoas: “O poder público revitaliza as regiões centrais e a população de rua é expulsa tratada como lixo e não como cidadã”. Ela ainda completa dizendo que “não se deve simplesmente pôr essas pessoas em albergues e instituições fechadas, mas políticas que efetivamente dêem condições de que essas pessoas tenham direito ao trabalho, à moradia, à saúde”.

### **Histórias de vida**

Roberto Carlos Fernandes da Silva veio do interior do Paraná, com os pais, quando tinha apenas 12 anos. Mas ao chegar na capital em busca de melhores condições de vida, as barreiras e dificuldades impostas pela grande cidade, fizeram com que a família se afastasse.

O homem sem estudo, porém alfabetizado, cresceu nas ruas. Desprovido de carinho e afeto, Roberto se fechou em sua timidez e aprendeu sozinho a viver em uma sociedade perigosa e competitiva.

Com trajetórias de vida diferentes, Maurício Pádua não parece ter muito em comum com Roberto. Mas os dois, por motivos diversos, dividem espaço nas ruas de Curitiba e, de vez em quando, no pátio da Fundação de Ação Social do Guadalupe.

Maurício completa em janeiro um ano nas ruas. As rugas expostas no rosto limpo e a barba grisalha por fazer, revelam um homem vivido. O ex-funcionário público sempre teve uma vida agitada. Com o segundo grau completo, conseguiu diversos empregos bons, inclusive chegou a trabalhar no Jornal do Estado. Mas a correria do dia a dia e a busca exaustiva pelo sucesso, por causa da responsabilidade de sustentar família e filhos, fez com que entrasse em profunda depressão, e achasse no álcool o conforto.

A luta para abandonar o vício, com o apoio da família, durou dez anos. Tudo em vão. Desiludido, no início deste ano, Maurício saiu de casa.

Ser considerado um problema social é bastante doloroso também para Carmelindo Linhares, que foi morar na rua quando tinha 14 anos, após perder a família em um acidente de carro e virar alcoólatra.

Sua adolescência foi difícil, tendo que aprender sozinho a se virar na rua, Carmelindo foi engraxate nas ruas da capital e acabou convidado a trabalhar em uma indústria de calçados. Lá, trabalhou durante nove anos. Nessa época, conseguia pagar um quartinho em uma pensão que cobrava R\$ 2,00 o pernoite. Em razão da bebida, teve que sair do emprego e procurar tratamento. Após internamentos, o moço baixo, de aproximadamente um metro e meio de altura, recomeçou sua vida trabalhando com pinturas e jardinagem.



Há seis meses, Carmelindo voltou para Curitiba para tratar o alcoolismo. Hoje, ele não tem um lar, e pela idade, também não consegue emprego. Com seu jeito vaidoso, fica arrumando a velha boina que esconde o cabelo encaracolado. Em suas mãos calejadas, carrega apenas uma mochila escura, que contém roupas e objetos de valores pessoais, os quais ele não revela.

Três pessoas, três histórias. Essas trajetórias de vida, que foram retradas neste vídeo-reportagem, representam a realidade de muitos brasileiros que moram nas ruas.

### **1.1 OBJETIVOS:**

O objetivo do vídeo-reportagem *Moradores de rua: sociedade invisível* é incitar uma reflexão sobre o descaso social e também mostrar ao telespectador qual é o sentimento de quem enfrenta essa situação todos os dias.

### **1.2 JUSTIFICATIVA:**

De acordo com um levantamento feito pela Fundação de Ação Social (FAS), em Curitiba aproximadamente 1.200 pessoas moram nas ruas. 60 % vivem nas ruas de Curitiba. 18 % na Região Metropolitana, 17 % vivem em outros municípios e 5 % não declararam origem. Destes, 85 % são homens com idade entre 45 e 60 anos e 15 % são mulheres com idade entre 20 e 55 anos.

Mais que números, estas são histórias de vida pautadas de dor e sofrimento. Eles não nasceram nas ruas, já fizeram parte da sociedade. Muitos têm família, já tiveram uma casa, emprego e bens materiais. Mas hoje, a única coisa que restou foi a roupa do corpo.

A maior concentração dos moradores de rua é na região central da cidade, devido às facilidades apresentadas pela localização. Eles já fazem parte do cenário urbano da capital paranaense, e passam despercebidos por grande parte da população no meio da paisagem.

Nas calçadas, nas praças, nas igrejas, nos cemitérios, sob pontes e viadutos... Cada dia um local diferente para passar o pernoite improvisado.

Mas e você? Será que algum dia já tentou imaginar como é morar na rua? Ser mais um elemento no cenário urbano? Sentir-se excluído? Ou até mesmo, parecer invisível?

Enquanto muitas pessoas cruzam pelos moradores de rua e agem com indiferença – como se eles não existissem –, este vídeo-reportagem deu voz a essa parcela da população para que eles pudessem expressar seus sentimentos e principalmente mostrar que não são invisíveis, que são seres humanos e merecem respeito.

## **2 MÉTODOS UTILIZADOS:**

Para a produção deste vídeo-reportagem foram realizadas pesquisas teóricas e empíricas que trouxeram dados estatísticos sobre a realidade dos moradores de rua. Na parte teórica utilizou-se artigos e pesquisas retiradas da internet. Já na pesquisa empírica foi realizada uma enquete informal no centro de Curitiba para saber qual era a opinião da população sobre os moradores de rua.

Também realizou-se entrevistas com moradores de rua, assistentes sociais, historiadora e socióloga. Foram registradas imagens da cidade e desses atores sociais.



A execução do projeto, desde a fundamentação à edição, foi baseada de acordo com as técnicas jornalísticas.

### 3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO:

Vídeo-reportagem, com duração total de 06'11'', sobre a “invisibilidade” dos moradores de rua.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Para conhecer a opinião das pessoas com relação aos moradores de rua realizamos uma pesquisa informal no centro de Curitiba. Os julgamentos sobre essa parcela da população são distintos:

**Mateus Paiva (estudante de Turismo)** → “O Brasil enfrenta um problema social muito grande. Infelizmente é uma coisa meio comum. Acabamos nos acostumando com a sociedade atual, e ver pessoas morando na rua se tornou algo natural. Planejamento social e cultural é o que falta mais”.

**Lorena Fornea (Vendedora)** → “Eu tenho dó, só que ao mesmo tempo que eu tenho dó a gente sabe que eles estão na rua porque querem. Muitos tem casa, mas preferem estar na rua pedindo esmola, é mais fácil. Acostumado com a presença deles, ninguém está, porque a cada dia tem mais. Mas eu acho que todo mundo está adaptado já. Eles não atrapalham, mas também não fazem diferença”.

**Gilmar de Souza (comerciante)** → “Eles têm objetivos e expectativas, mas geralmente não conseguem alcançá-los. É inadmissível a falta de ação que se tem numa cidade tão grande, porque geralmente, os moradores não precisam só de dinheiro, precisam de afeto e alguém que possa ajudar”.

**Luana Sales (Estudante)** → “Deveria ter mais fiscalização para afastá-los, levá-los pra um abrigo, outro lugar, sei lá. Porque deixaria a paisagem mais bonita”.

**Katarina de Carvalho (Estudante)** → “A sociedade vê os moradores de rua como indigentes. Tem gente que até vira o rosto. O que eles precisam é dinheiro, uma casa e uma família. Eles devem se sentir muito mal sendo excluídos da sociedade, já que estão em um país de direitos iguais onde todos deveriam estar incluídos”.

**Daniele Ximenes (Universitária)** → “Eles incomodam. Não tem como falar que não, mas não tem ninguém para ajudar. Mas eu penso que se a pessoa não quer ter essa vida, ela não vai ter. Não é que eles atrapalhem a gente, mas eles colocam medo em algumas pessoas”.

**Cláudia Fernandes (Estudante)** → “Eles atrapalham, não podem ver a gente comendo que já pedem a nossa comida. Eu acho que eles não recorrem aos direitos certos”.

**Tiago Mendes (Estudante)** → “Me incomoda bastante com a presença deles. Porque além de sujar a imagem da cidade, eles pedem dinheiro, eu acho que realmente eles incomodam a gente que trabalha. Eu não acho legal”.

**Roseli Aparecida (Aposentada)** → “Ah coitados, eles deviam ter uma casa para morar, porque morar na rua nem cachorro gosta. Qualquer cidadão devia ter uma morada, por mais simples que seja”.

Nos cantos das lojas, em bancos de praças e nas esquinas da cidade. Além de enfrentar o desemprego, a fome e a violência, os moradores de rua também convivem com o descaso da sociedade. Cada qual com seu jeito, com personalidades diferentes, mas unidos pelos mesmos males: a extrema pobreza, a falta de moradia e o isolamento



social. Nesse condomínio a céu aberto, repleto de moradores de rua, o que mais os entristece é o fato de eles serem considerados invisíveis.

## **5 REFERÊNCIAS:**

Pesquisa realizada pelo Instituto Paranaense de Planejamento Econômico e Social (Ipardes) no ano 2000. Disponível em:  
[http://www.ipardes.gov.br/webisis.docs/nivel\\_integracao\\_municipios.pdf](http://www.ipardes.gov.br/webisis.docs/nivel_integracao_municipios.pdf)

Artigo da doutora em Antropologia e mestra em Sociologia Maria Antonieta da Costa Vieira. Disponível em:  
[www.unicamp.br/unicamp/canal\\_aberto/clipping/setembro2004/clipping040902\\_estado.html](http://www.unicamp.br/unicamp/canal_aberto/clipping/setembro2004/clipping040902_estado.html)

Levantamento feito pela Fundação de Ação Social (FAZ) Disponível em:  
<http://www.fas.curitiba.pr.gov.br/>

Entrevista historiadora Suzana Carvalho Vargas realizada em setembro de 2007.

Entrevista com os moradores de rua Roberto Carlos Fernandes da Silva, Maurício Pádua e Carmelindo Linhares.

Enquete realizada no centro de Curitiba em setembro de 2007.